

“Minha jóia querida”: uma análise linguística das formas de tratamento nas cartas da guerra de António Lobo Antunes

“Minha jóia querida”: A linguistic
analysis of the forms of address in
Antonio Lobo Antunes’s War letters

Mariana Silva Ninitas 

Escola Superior de Educação de Lisboa, Portugal

Universidade Aberta. Lisboa, Portugal

E-mail: mninitas@eselx.ipl.pt

Editores-chefes

Marcus Dores
Célia Lopes

Editoras convidadas

Isabel Seara
Renata Costa

Recebido: 29/11/2023

Aceito: 12/05/2024

Como citar:

Ninitas, M. S. “Minha jóia querida”: uma análise linguística das formas de tratamento nas cartas da guerra de António Lobo Antunes. *Revista LaborHistórico*, v.10, n.2, e62141, 2024. doi: <https://doi.org/10.24206/lh.v10i2.62141>

Resumo

No presente trabalho, procuramos mostrar de que forma os recursos linguísticos mobilizados nas formas de tratamento do epistolar atestam a construção e/ou a evolução de emoções e relações interpessoais do seu autor e das suas representações. Para tal, analisamos a totalidade das cartas da guerra de António Lobo Antunes (ALA), escritas durante a Guerra Colonial Portuguesa e compiladas no livro *D’este viver aqui neste papel descripto* (2005) destacando três períodos distintos: antes de a filha nascer, antes de o autor receber fotografias da filha e depois de ver alguns desses registos. O nosso trabalho foca-se, essencialmente, na descrição das estratégias linguísticas associadas às formas de tratamento do epistolar amoroso enquanto marcadores de intimidade, recorrendo, com este intuito, a contributos da teoria do epistolar – e.g. Haroche-Bouzinac (1995), Diaz (2002) e Seara (2008) – do epistolar amoroso - e.g. Brenot

(2000) - e dos estudos discursivo-pragmáticos das cartas da guerra de ALA – e.g. Seara (2009). A análise pormenorizada dos aspetos elencados permite-nos sistematizar a forma como os recursos linguísticos mobilizados nestas construções nos fornecem pistas para compreender a evolução das relações interpessoais do autor, uma vez que se trata de uma escrita codificada, que parte da expressão espontânea.

Palavras-Chave:

António Lobo Antunes. Formas de Tratamento. Emoções. Género Epistolar. Relações Interpessoais.

Abstract

In this work, we seek to demonstrate how the linguistic resources deployed in epistolary forms of address attest the construction and/or evolution of emotions and interpersonal relationships of its author and their representations. To do so, we analyze all the war letters written by António Lobo Antunes (ALA), during the Portuguese Colonial War and compiled in the book *D’este viver aqui neste papel descripto* (2005), highlighting three distinct periods: before the birth of his daughter, before the author received photographs of his daughter, and after seeing some of these records. Our work focuses essentially on describing the linguistic strategies associated with the forms of address in love letters as markers of intimacy, drawing on contributions from epistolary theory – such as Haroche-Bouzinac (1995), Diaz (2002), and Seara (2008) – in love epistolarity – e.g. Brenot (2000) – and from the discursive-pragmatic studies of ALA’s war letters – e.g. Seara (2009). The detailed analysis of the aspects listed allows us to systematize how the linguistic resources deployed in these constructions provide clues to understanding the evolution of the author’s interpersonal relationships, as it is a coded writing that stems from spontaneous expression.

Keywords:

António Lobo Antunes. Forms of Address. Emotions. Epistolary Genre. Interpersonal Relations.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo central analisar uma amostra de cartas da guerra de António Lobo Antunes, publicadas na obra *D’Este Viver Aqui Neste Papel Descrito* (2005), procurando perceber de que maneira as formas de tratamento alocutivas e delocutivas (Araújo Carreira, 2002)¹ contribuem para a construção do *ethos* (Amossy, 1999)² do autor e, conseqüentemente, para atestar a evolução – aqui entendida como as modificações ocorridas - das suas emoções e relações interpessoais.

Para a prossecução desse objetivo, foram selecionadas cartas escritas em três momentos distintos: antes de a filha do autor nascer, depois da filha do autor nascer e após o autor ver registos fotográficos da filha.

Assim, no presente trabalho, e num primeiro momento, apresentaremos um breve enquadramento teórico do trabalho, focando alguns contributos relevantes para o estudo do epistolar e das formas de tratamento em português europeu.

Posteriormente, partilharemos a metodologia que orientou este estudo, contemplando os seus objetivos, o *corpus* e as perspetivas de análise.

Seguidamente, iniciaremos a análise dos dados à luz das propostas teóricas convocadas, i.e., distinguindo diferentes rotinas verbais típicas do género epistolar, como as fórmulas de abertura, de pré-fecho e de fecho, e destacando, fundamentalmente, as formas de tratamento utilizadas. Posteriormente, analisaremos esses dados sob as perspetivas da Análise do Discurso e da Pragmática, privilegiando a construção discursiva dos *ethè* (Amossy, 1999) do autor das cartas, bem como a noção de implícito, na linha do preconizado por Kerbrat-Orecchioni (1986)³ e Duarte (2005)⁴.

Por fim, mostraremos algumas considerações finais e as referências consultadas.

Enquadramento teórico

Na presente secção, apresentaremos, sucintamente, alguns contributos relevantes para o estudo do epistolar, bem como algumas propostas de referência sobre as formas de tratamento em português europeu.

¹ ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena. La désignation de l’autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. In: *Instabilités linguistiques dans les langues romanes*, Travaux et Documents. 16 (org. Carreira, Maria Helena Araújo), Paris: Université Paris 8, 2002, p. 173-184.

² AMOSSY, Ruth. (dir.). *Images de soi dans le discours*. La construction de l’*ethos*. Lausanne, Paris: Delachax et Niestlé, 1999.

³ KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L’Implicite*. Armand Colin, 2ème édition, 1986.

⁴ DUARTE, Isabel Margarida. Falar Claro a Mentir. In: *Dar a Palavra à Língua – Homenagem a Mário Vilela*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, p. 291-299.

Teorias do Epistolar

Por constituir “um manual imprescindível para o estudo do género epistolar” (Seara, 2007, p. 58), evocamos, primeiramente, a obra *L'Épistolaire*, publicada em 1995, e elaborada por Geneviève Haroche-Bouzinac. Para a autora, a carta é “uma mensagem que irrompe do quotidiano” (Haroche-Bouzinac, 1995, p. 12)⁵, apresentada, frequentemente, como “bienfaitrice” (Haroche-Bouzinac, 1995, 70), ou seja, como benfeitora, na medida em que, e parafraseando a autora, cria a ilusão de presença, de diálogo, recriando uma voz, apesar do silêncio que impera na leitura de uma carta, como se se pretendesse enganar a ausência. É, portanto, e na senda da proposta de Seara (2007)⁶, um objeto de troca, antes de ser um objeto de escrita.

Também Melançon (1996)⁷ afirma que o texto epistolar é uma forma de troca, tratando-se, igualmente, de uma forma de comunicação que une duas instâncias (destinador e destinatário) num pacto de reciprocidade. Para este autor, a carta nasce de uma ausência conotada negativamente, sendo testemunha, de forma eloquente, da coalescência de diversas temporalidades⁸ e tendo amiúde uma função metonímica. Função essa que é também identificada por Kerbrat-Orecchioni (1998)⁹ e Diaz (2002)¹⁰.

Na obra *L'Épistolaire ou la Pensée Nomade* (Diaz, 2002), a autora assume que a carta permite a presentificação do “eu” e que, como objeto nómada, transporta o pensamento, exprime os sentimentos, configurando metonimicamente quem a escreve. Sublinha, ainda, a virtude performativa do epistolar, referindo que escrever uma carta, endereçá-la, enviá-la é, no fundo, ensaiar agir a distância (p. 61).

Complementarmente, e sem nos determos na discussão sobre as diferenças entre género epistolar e género carta, assumiremos, no presente trabalho, que a carta é um exemplar do género discursivo epistolar. Nessa sequência, importa perceber quais os traços genéricos que consagram o género em análise. Para a prossecução desse objetivo, convocamos os contributos de Seara (2008)¹¹. Para a autora, na origem de qualquer exemplar do género epistolar existe uma ausência, que motiva a

⁵ HAROCHE-BOUZINAC, G. *L'Épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.

⁶ SEARA, Isabel. *Da epístola à mensagem eletrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de Doutoramento. Universidade Aberta, 2007.

⁷ MELANÇON, Benoît. *Diderot Épistolier, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIIIe siècle*. Québec, Bibliothèque Nationale du Québec, Montréal: Éditions Fides, 1996.

⁸ Esta definição é inspirada e adaptada da proposta de Benoît Melançon (1996, p. 47).

⁹ KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. L'interaction épistolaire. In: Jürgen Seiss (dir.). *La Lettre, entre réel et fiction*. Paris: Sedes, 1998, p. 15-36.

¹⁰ DIAZ, Brigitte. *La Lettre ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

¹¹ SEARA, Isabel. *A Palavra Nómada*. Contributos para o Estudo do Género Epistolar. Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies. Lisboa: Edições Colibri; CLUNL, 2008. p. 121-144.

existência dessa atividade privada, num contexto não partilhado com o destinatário da missiva, o que implica a especificação, com “determinados elementos peritextuais (...) e textuais, da sua identidade, a da(s)/ do(s) seu(s) destinatário(s) e do quadro espaço-temporal em que se inscreve a sua atividade” (Seara, 2008, p. 123). É, além disso, e segundo a mesma autora, uma experiência que pressupõe reciprocidade e o conseqüente estabelecimento de um “pacto epistolar”, desejando e esperando uma resposta. Adicionalmente, “é um lugar de polivalência e de ambigüidades temporais, decorrente de uma interação descontínua” (Seara, 2008, p. 123), construindo-se numa sucessão de hiatos temporais e espaciais. É, igualmente, e nas palavras da autora, “uma escrita codificada, normalizada, que releva, contudo, da expressão espontânea” (Seara, 2008, p. 123).

Representa, no plano ontológico, um intermediário insubstituível entre presença e ausência. Situa-se entre o permitido e o interdito. É portador de confidências, de segredos, de comprometimentos, daí que por vezes o emissor jogue, habilmente, com a necessidade do anonimato;

- a distância que separa emissor e receptor, este virtualmente presente em todo o texto, torna-se uma modalidade de organização textual e inscreve-se nela com a especificidade que decorre da sua função comunicativa;

- a assumpção de um eixo comunicativo produz um efeito de distância mostrando o referido aspecto diferido da comunicação epistolar. Seara (2008, p. 123)

A carta é um objeto de troca, que permite uma ilusão de presença, ao qual subjaz uma ausência entre emissor e destinatário. Essa condição conduz à necessidade de estabelecer um pacto epistolar de reciprocidade, que é selado em silêncio pelos intervenientes.

Tratando-se o presente trabalho de uma análise de cartas trocadas entre marido e mulher, surge a necessidade de definir, mesmo que brevemente, o (sub-) género epistolar amoroso.

A carta de amor “é o testemunho de momentos de excepção entre dois seres que partilham um sentimento amoroso” (Brenot, 2000, p. 27). Estes textos reúnem características do género epistolar e do discurso amoroso (Amossy, 1998)¹², pois seguem a estrutura do género carta e as funções do discurso amoroso, como a declaração, a sedução, o pedido e a recusa. Segundo Brenot (2000)¹³, o epistolar

¹² AMOSSY, Ruth. La Lettre d’amour du réel au fictionnel. In: Jürgen Siess (dir.). *Le Lettre, entre réel et fiction*. Paris: Sedes, 1998, p. 73-96.

¹³ BRENOT, Patrick. *De la lettre d’amour*. França: Zulma, 2010.

amoroso é caracterizado por um conjunto de funções específicas, tais como: “formular a ausência; exprimir o desejo; dizer o sofrimento; estar com e em o outro; ser a expressão do amor, da confiança, da intimidade; e confessar-se sentimentalmente ou simplesmente relatar as rotinas minuciosas do quotidiano” (Brenot, 2000, p. 30).

Este (sub-)género é ainda palco de uma escrita desenfreada, enraivecida, de esperança e desilusão. Nestes textos, são escritas as mais belas poesias e atirados os mais ferozes insultos. O epistolar amoroso é um doloroso e distante modo de se amar alguém.

Formas de tratamento

As formas de tratamento traduzem as relações sociais estabelecidas entre o locutor e o interlocutor ou aquele sobre quem fala, podendo marcar diferentes valores de distância ou aproximação social, ou, nas palavras de Araújo Carreira (2002), de proxémica verbal. Evidenciam, assim, segundo Brown e Gilman (1960)¹⁴, uma de duas dimensões sociais: as relações de poder, que assinalam a assimetria entre os interlocutores, e as relações de solidariedade, que configuram relações de semelhança.

Tratando-se de um elemento altamente dependente das variáveis sociais, e estando a sociedade em constante evolução, as formas de tratamento são, segundo Duarte (2011)¹⁵, “uma zona sensível de mudança” (p. 87). Refletem, por isso, e como apontado por Gouveia (2008)¹⁶, diferentes visões de nós mesmos e daqueles com os quais nos relacionamos.

No caso concreto do português europeu, segundo Cintra (1986)¹⁷, as formas de tratamento formam uma escala riquíssima, permitindo definir, claramente, as posturas do locutor e do interlocutor, mas também daquele/daquela sobre quem se fala. A esse propósito, Araújo Carreira (2002) propõe que se apelidem de formas “elocutivas” aquelas que permitem designar o EU, de formas “alocutivas”, quando designam o TU da interlocução, e de formas “delocutivas”, quando se trata de um ELE/ELA presente ou ausente (Araújo Carreira, 2002, p. 175).

Ainda a propósito do caso português, a autora refere que as formas de tratamento nominais constituem um paradigma aberto, caracterizando-se pela sua função deíctica

¹⁴ BROWN, Roger & GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: Sebeok, A. Thomas (org.). *Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-276.

¹⁵ DUARTE, Isabel Margarida. Formas de Tratamento em Português. Entre léxico e discurso. *Matraga*, v.18 n. 28, 2011, p. 84-101. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/75411>

¹⁶ GOUVEIA, Carlos. As dimensões da mudança no uso de formas de tratamento em Português Europeu. In: *O Fascínio da Linguagem: Actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Universidade do Porto e Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2008, p. 91-99.

¹⁷ CINTRA, Luís Filipe Lindley. Origens do sistema de formas de tratamento do português atual. In: *Brotéria* (Lisboa), LXXXIV, n. 1, 1967, p. 49-70.

e/ou definitiva, o que as aproxima dos pronomes. Também Nascimento (2020)¹⁸, na mesma linha, refere que as formas nominais não constituem um conjunto fechado e refletem de forma clara a atitude do falante para com os destinatários. Assim, as formas nominais de tratamento podem transmitir informações como: i. “aspectos individuais dos participantes no ato de comunicação, como o nome próprio” (p. 2718); ii. “relações de convivência mais ou menos formais que os participantes mantêm” (p. 2718); iii. “relações de parentesco”; iv. “de profissão, cargo, função ou título”; e de v. “de afeto”.

Para Nascimento (2020), as escolhas das formas de tratamento não são tanto uma questão de gramática, mas uma forma de expressar o conhecimento sobre “o sistema de relacionamento social, de obediência a normas sociais de cortesia em situações de formalidade ou informalidade, de estilo pessoal ou institucional e do contexto da interlocução, e depende também de a produção do discurso ser oral ou escrita” (Nascimento, 2020, p. 2718).

Metodologia

Na presente secção, serão apresentados os objetivos do trabalho, bem como o *corpus* e as perspectivas de análise adotadas.

Objetivos

Neste trabalho, propomo-nos analisar alguns exemplares do género epistolar, compilados na obra de António Lobo Antunes, *D’este Viver Aqui Neste Papel Descrito* (2005), procurando compreender de que maneira as formas de tratamento alocutivas e delocutivas (Araújo Carreira, 2002) contribuem para a construção do *ethos* (Amossy, 1999) do autor e, conseqüentemente, para atestar a evolução das suas emoções e das relações interpessoais (ou suas representações).

Para tal, importa perceber, primeiramente, que estes textos, ainda que apelidados de “Cartas da guerra” (cf. subtítulo) são, verdadeiramente, e conforme constatado anteriormente, cartas de amor. Cartas escritas à mulher e à filha do autor, testemunhando, como afirma Brenot, um momento entre dois seres que partilham sentimentos: “Qu’elle soit unique ou multiple, la lettre d’amour est le témoignage d’un moment d’exception entre deux êtres que partagent un sentiment, malgré, ou avec ceux qui les entourent”¹⁹ (Brenot, 2000, p. 26).

¹⁸ NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do. Formas de tratamento. In: *Gramática do português*, editado por Eduardo Buzaglo Paiva Raposo *et al.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020. v. 3, p. 2701-2734.

¹⁹ Seja única ou múltipla, a carta de amor é o testemunho de um momento excepcional entre dois seres que partilham um sentimento, apesar de, ou com quem os rodeia. [*tradução nossa*]

Assim, numa perspetiva discursivo-pragmática, analisaremos algumas marcas idiossincráticas da interação epistolar, como as formas de abertura e fecho, de tratamento, de delicadeza, entre outros, articulando-as com a noção de *ethos*, mas também de implícito. Para tal, recorreremos a contributos da teoria do epistolar – e.g. Haroche-Bouzinac (1995), Melançon (1996) e Diaz (2002) – e da análise do discurso – e.g. Amossy (1999) e da pragmática (Duarte, 2005; Kerbrat-Orecchioni, 1986).

Pre vemos, pois, com esta análise, encontrar evidências de que o confronto do autor com as fotografias da filha permitiu construir novas representações e, conseqüentemente, diferentes formas de expressar linguisticamente a evolução das suas emoções e das suas relações interpessoais.

Corpus

No presente artigo, propusemo-nos analisar uma amostra de exemplares do género epistolar, constantes na obra de António Lobo Antunes *D’este Viver Aqui Neste Papel Descrito, Cartas da Guerra* (2005)²⁰.

Segundo o seu prefácio, as cartas suprarreferidas “...foram escritas por um homem de 28 anos na privacidade da sua relação com a mulher, isolado de tudo e de todos durante dois anos de guerra colonial em Angola, sem pensar que algum dia viriam a ser lidas por mais alguém” (ALA, 2005, p. 11).

Este volume reúne, então, um conjunto de 298 cartas, escritas de 7 de janeiro de 1971 a 30 de janeiro de 1973, à esposa do autor, (à época) Maria José Lobo Antunes, tendo sido reunidas e dadas à estampa pelas filhas do autor com Maria José Lobo Antunes. Trata-se, pois, de correspondência autêntica, do âmbito familiar e amoroso. Infelizmente, as cartas de resposta foram, segundo ALA, destruídas, pelo que não é possível aceder às respostas escritas pela sua esposa.

No presente trabalho, apresentaremos dados relativos à análise da totalidade das cartas constantes no livro, ainda que, para a prossecução dos objetivos do trabalho, tenham sido selecionadas cartas escritas em três momentos distintos: antes de a filha do autor nascer, depois de a filha do autor nascer e após o autor ver registos fotográficos da filha.

Complementarmente, importa referir que, ao longo da análise, os exemplos surgirão acompanhados da data de escrita da peça epistolar e não da referência da obra da qual foram retirados, uma vez que todos os exemplos possuem a mesma fonte e a mesma foi amplamente identificada ao longo do texto.

²⁰ LOBO ANTUNES, António. *D’este Viver Aqui Neste Papel Descrito. Cartas da Guerra*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

Perspetivas de análise

Segundo Seara (2008, 2009²¹), o género epistolar é constituído por diversas marcas enunciativas, das quais se destacam as rotinas verbais. Para Coulmas (1981)²², as rotinas verbais são interações padrão, acordadas tacitamente entre os membros de uma comunidade, sem que tenham sido precisas negociações. Estas marcas permitem configurar o género epistolar e satisfazem duas condições primordiais:

- 1) apresentam uma formulação fortemente estereotipada;
- 2) têm uma função sobretudo relacional, decorrendo do seu carácter repetitivo o esvaziamento do conteúdo.

Complementarmente, essas formulações estereotipadas podem assumir diferentes funções e posições nos textos. No caso específico do texto epistolar, podemos encontrar “Formas de abertura”, constituídas, geralmente, por nominais, formas de tratamento, de cortesia, de saudação, etc; “Formas de pré-fecho”, que têm, frequentemente, a função de anunciar o *terminus* da missiva e, muitas vezes, justificar a sua razão; e, por último, as “Formas de fecho”, rotinas verbais que incluem formas de despedida, formas hiperbolizadas, assinatura e, por vezes, *post scriptum*.

Assim, no presente trabalho, apresentaremos os dados, organizando-os a partir da identificação das rotinas verbais referidas acima, e analisando-os sob uma perspetiva pragmático-discursiva, na qual se destaca, fundamentalmente, a noção de *ethos*, mas também de implícito, na senda dos contributos que abaixo partilhamos.

Desta forma, sendo uma carta “um lugar do apelo, da convocação do outro ausente” (Silva, 2003, p. 29)²³, **é necessário construir** uma imagem de si no discurso e essa imagem depende diretamente da influência que o epistológrafo deseja exercer no seu interlocutor nesse preciso momento da enunciação. Essa imagem de si mesmo ou do outro, que é construída no discurso, assume uma importância vital no texto epistolar, na medida em que permite perceber as estratégias de construção do *ethos* discursivo. Desta forma, no presente trabalho, privilegiaremos a noção de *ethos*, na senda de Amossy (1999), que considera não apenas que o *ethos* é a construção da imagem do enunciadador no discurso, mas que a eficácia do discurso é tributária da conjugação da imagem social de que se reveste o enunciadador e, simultaneamente,

²¹ SEARA, Isabel. A Confissão Intimista na Correspondência Amorosa de António Lobo Antunes: estudo pragmático. In: *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, 2009.

²² COULMAS, Florian. Introduction. In: COULMAS, Florian (ed.). *Conversational Routine, Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*. Paris/New York: The Hague, Mouton Publishers, 1981. v. 2, p. 1-2.

²³ SILVA, Manuela Parreira. *Realidade e ficção: para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

da construção discursiva no quadro interacional. Adicionalmente, contemplaremos a noção de implícito, acreditando que, conforme referido por Duarte (2005), “o falante comunica quase sempre mais do que aquilo que diz e, às vezes, comunica diferente daquilo que diz” (Duarte, 2005, p. 291).

Análise

Na presente secção, procederemos à análise da amostra, tendo em conta os mecanismos linguístico-textuais acima explicitados.

Uma vez que o foco do nosso trabalho são as formas de tratamento – e ainda que, para alguns autores, os vocativos presentes nas formas de abertura não constituam exemplos de formas de tratamento – faremos, em seguida, uma demonstração de algumas estratégias linguísticas de apelo/referência ao outro, incluindo alguns vocativos.

Todos os exemplos em análise foram retirados da obra *D’este Viver Aqui Neste Papel Descrito, Cartas da Guerra* (2005), sendo, por esse motivo, apenas referidas as datas de produção das cartas.

Fórmulas de abertura

Expressão apelativa conjuntiva

Em termos gerais, numa peça de epistolar, seguindo o ato de localização, surgem as expressões apelativas conjuntivas. No caso das cartas em análise, esta expressão indicia um valor afetivo de intimidade entre os correspondentes, permitindo-nos aceder ao grau de proximidade existente entre aqueles que se correspondem e que pode apresentar um valor de deferência, de respeito, de cortesia, valores de ironia, malícia ou sarcasmo e, ainda, de invocação, com valores de ênfase e criatividade (Seara, 2008, p. 131). No caso concreto das cartas da guerra de António Lobo Antunes, estas expressões são sempre dirigidas à sua mulher, havendo, no entanto, uma exceção: a carta escrita no dia 23 de junho de 1971, dia em que o autor soube, por carta, do nascimento da sua filha e lhe dirigiu uma missiva (1). Os restantes exemplos dirigem-se à mulher do autor, havendo, com frequência, variações associadas à palavra “jóia”, como em (3) e (4).

1. “Minha querida filhinha...” (27.6.71)
2. “Minha jóia preciosa” (16.1.71)
3. “Minha jóia querida” (17.1.71)

“Meu amor lindo e bonito e querido e adorado” (11.5.71)

Os exemplos acima são as primeiras pistas para a assunção de que o autor se reveste de um *ethos* amoroso. Esta tendência mantém-se ao longo de, praticamente, todas as

cartas, excetuando-se o caso daquela dirigida à filha e de uma outra em que o autor demonstra um *ethos* desiludido e magoado com a mulher (“Maria José” – 28.8.71).

Corpo da Missiva

O corpo de uma missiva pode variar tendo em conta um significativo número de fatores: a pessoa a quem se dirige, o propósito, o conteúdo a transmitir, o contexto, etc. Ao contrário do que parece acontecer com as fórmulas de abertura, pré-fecho e fecho, o corpo da missiva não é uma rotina verbal padronizada, cujos constituintes possamos prever. Por essa razão, neste espaço, focar-nos-emos na análise de “formas de tratamento”, enquanto marcadores de intimidade, em dois períodos distintos: antes e depois de o autor receber fotografias da filha.

Para poder provar, no entanto, que a formulação de uma nova representação se relaciona com o facto de o autor se ver confrontado com as imagens impressas da descendente e não com o facto de esta não ter ainda nascido, apresentaremos alguns dados do período que antecede o seu nascimento.

Antes do nascimento da filha

- Determinantes possessivos + nomes relacionais:
 4. “Gostava tanto de poder ver a tua barriguinha com **o nosso filho lá dentro!**” (10.2.71)
 5. “Como vai **o meu filho?**” (28.1.71)
 6. Oscilação no uso dos géneros/género híbrido:
 7. “**o nossoa filha**” (24.3.71)
 8. “**o herdeiro ou a herdeira**” (11.4.71)
 9. “**nele (ou nela)**” (11.4.71)
 10. “Espero também encontrar no aeroporto a loira criança, **rapaz ou rapariga**” (27.4.71)
- Expressões neutras/ nomes sem valores afetivos ou avaliativos com carga “inerente” (Kerbrat-Orecchioni, 1980)²⁴:
 11. “Vê se não te cansas por causa do **bebé**” (20.3.71)
 12. “...porque **a criança** está acima de tudo” (20.3.71)

²⁴ KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'énonciation: De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

13. “Saudades para **o bebé...**”(21/22.4.71)
14. Sufixos modificadores diminutivos, alterando a informação semântica do núcleo (Villalva, 2003), fornecendo-lhe uma carga afetiva positiva (com e sem determinantes possessivos):
15. “A nossa **Zézinha**” (4.2.71)
16. “Muitas saudades para a nossa **Zézinha...**” (7.2.71)
17. Adjetivo (anteposto) + nome:
18. “Espero também encontrar no aeroporto **a loira criança**, rapaz ou rapariga” (27.4.71)
19. “**Genial criança**, que desde a mais tenra idade manifesta tão precoces disposições.” (6.5.71)
20. “...com o aparecimento dessa **pontapeante criança...**” (12.5.71)

Ao longo destas missivas, muitos são os momentos em que o autor declara o seu amor e a sua saudade à mulher. As declarações de amor paternal são, também elas, frequentes, ao longo destas páginas, revelando um *ethos* saudoso e amoroso, que, no caso concreto dos exemplos acima, implica a ansiedade de conhecer o fruto do amor entre o autor e o seu destinatário. Nos excertos acima, verificamos que o autor expressa o seu carinho e amor pela criança, mas também a sua dúvida quanto à identidade da mesma – o que se explica pelo facto de, naquela época, não haver forma de saber o sexo do bebé antes de ele nascer. Esta confissão inconsciente permite, também, ao leitor atual aceder ao cenário social e histórico da época, característica evidente deste género.

O uso reiterado de nomes relacionais (como “filha”), de possessivos e de diminutivos evidencia o grau de intimidade para com aquele ser que, ainda que por nascer, já fazia parte da vida do autor.

Para a prossecução do nosso objetivo e com o intuito de confirmar – ou recusar – a hipótese de que a alteração emocional se deveu ao confronto com a imagem da menina, abaixo, apresentamos alguns dados relativos às cartas escritas após o nascimento da bebé.

Depois do nascimento da filha (mas ainda sem ter recebido nenhuma fotografia da menina)

- Determinantes possessivos + nomes relacionais:
21. “Muitos beijos também para **a minha querida filhinha...**” (25.6.71)
 22. “**a minha filha** mais bonita...” (28.6.71)

- Determinantes possessivos + nomes com valores afetivos ou avaliativos com carga “inerente” (Kerbrat-Orecchioni, 1980):
 23. “Primeiro que tudo muitos beijinhos para **o meu amor mais pequenino**, a **minha querida laranjinha**, a minha filha mais bonita, que hoje deve fazer uma semana de idade.” (28.6.71)
 24. “Muitos beijos para **a minha filha, minha doce amêndoa meu solzinho**” (7.8.71)
 25. “...**o nosso bebé...**” (9.8.71)
- Nomes/adjetivos com valores afetivos ou avaliativos com carga “inerente” (op. cit):
 26. “Vê se descobres nessa **gota da minha vida** qualquer coisa minha, sim?” (5.7.71)
 27. “E beijos pequeninos para **a pequenina.**” (10.7.71)
 28. “Como está **a mais bonita rapariga pequenina do mundo...?**” (3.8.71)
 29. “... do abono de família **da linda flor...**” (5.8.71)
 30. Sufixos modificadores diminutivos, alterando a informação semântica do núcleo (Villalva, 2003)²⁵, fornecendo-lhe uma carga afetiva positiva (com e sem determinantes possessivos):
 31. “Beijos pequeninos para a **Zézinha pequenina...**” (3.7.71)
 32. “Minha querida **filhinha...**” (8.8.71)
 33. “Muitos beijinhos para a **laranjinha** do meu coração.”(29.6.71)
 34. Adjetivo (anteposto) + nome:
 35. “Ah, **rica filha** de uma cana!” (5.7.71)
 36. “Beijinhos para **a morena minha filha**” (1.7.71)

Nestes exemplos, o *ethos* amoroso do autor mantém-se, bem como as estratégias linguísticas que utiliza. Não recusa o uso de nomes relacionais como “filha” ou a sua variante “filhinha”, não recusa o uso de possessivos, nem o uso de sufixos diminutivos que, como a autora Maria Helena de Araújo Carreira refere, “sont caractéristiques du langage affectif”²⁶ (1997, p. 144), implicando, desta forma, a

²⁵ VILLALVA, Alina. Formação de palavras: afixação. In: M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. Hub Faria (ed.), *Gramática de Língua Portuguesa*, Caminho, 2003. p. 939-965.

²⁶ São características da linguagem afetiva [*tradução nossa*]

intimidade e afetividade do autor para com a sua cria. Há, de resto, aparentemente, um acréscimo de intimidade nas escolhas lexicais, já que, nesta fase, o autor já sabia tratar-se de uma menina.

Estes dados mostram-nos que o facto de a criança ter ou não nascido **não influenciou** a forma como o autor se dirigiu à menina ou expressou o seu carinho por ela, mantendo, desta forma, um *ethos* amoroso e expectante por notícias.

Depois de receber fotografias da criança

Chegaram finalmente ontem retratos teus e **da criança**. Tu é que estás cada vez mais bonita, santo Deus! Quanto à menina acho-lhe uma certa semelhança com o teu progenitor. E não me parece chegar aos calcanhares da mãe.

(7.9.71)

- Ausência de nomes com valores afetivos ou avaliativos com carga “inerente” (Kerbrat-Orecchioni, 1980):

37. “Saudades ao **cafeco**” (11.9.71)

38. “Recebi hoje mais duas fotografias da **criança**...” (15.9.71)

- Ausência de determinantes possessivos ou nomes relacionais (ex: filha);

39. **Fórmulas de Fecho**

40. Em posição de *Post Scriptum*:

41. “Milhões de beijos do teu homem que te adora

42. António

43. e mais alguns **para o cafeco**” (15.9.71)

É, pois, evidente que, depois de o autor receber as primeiras fotografias da filha há uma variação no uso dos diferentes mecanismos linguísticos: o autor recusa, cremos que inconscientemente, o uso de nomes relacionais, de determinantes possessivos e, inclusivamente, passa alguns dias sem fazer referências à menina. Esta mudança de estratégias parece revelar uma mudança nas representações do autor, o que acaba por ser também confessado na citação que encabeçou este subtópico. O autor assume, desta vez, um *ethos* desiludido e não tanto um *ethos* amoroso. O confronto entre a imaginação do autor e a imagem da filha nas fotografias enviadas causa-lhe, como o próprio admite, algum dissabor. Essa desilusão é evidente nas formas de tratamento que utiliza a partir desse momento. Poder-se-ia dizer que estas opções tiveram

²⁷ “(cafeco, em bunda, são as raparigas novas)” (ALA, 2005: 267)

origem em fatores contextuais, mas, se assim fosse, as formas de tratamento para com a mulher seriam, também elas, afetadas. Isso não se verifica, conforme podemos observar no quadro abaixo.

Ao fazer uso de expressões desprovidas de afeto como “cafeco” ou “criança”, o autor implica uma mudança emocional, revelada nas escolhas lexicais que faz. Também o contraste entre as formas utilizadas anteriormente e aquelas que emprega depois de ver a filha – mas ainda sem a conhecer – revela essa mudança, mais ainda se comparadas com o constante desvelo para com a mulher.

Quadro 1. Formas de tratamento para com a mulher e a filha

Formas de Tratamento		
Data	Para a mulher	Para a filha
19.1.72	“Pareces a Paulina Bonaparte, com um penteado Império e um pescoço Borghese”	“O nosso Tintin lá estava também, parecida com nenhum de nós, o estuporzinho!”
20.1.71	“És linda como a Vénus de Boticelli! Que olho eu tive! Meu Deus como pode acontecer seres tão bonita? Olho para o retrato e parece que estou diante de um anjo do Piero de la Francesca...”	
27/28.1.72		“E a menina? Olhos azuis, hem? O estuporinho! E com a tua testa, o teu nariz, as tuas olheiras à Margarida Gautier!”

No quadro 1, é possível observar que o autor se centra na ideia de semelhança, para descrever a filha. Inicialmente, o autor começa por se “revoltar” docemente com o facto de a criança não se parecer com nenhum dos seus progenitores. Mais tarde, no entanto, o autor corrige a sua percepção e identifica-lhe traços da mãe, que elogia frequentemente nas suas cartas. Tal facto pode estar na origem da sua evolução emocional, dado que o autor, ausente, cria uma expectativa relativamente à criança, vê essas expectativas saírem goradas por confronto com as imagens que lhe são enviadas, já que não lhe identifica quaisquer parecenças com os familiares. Corrige, posteriormente, essa ideia, modificando, com ela, a forma de tratamento delocutiva selecionada: “a menina”. Desta forma, cremos ser evidente que há uma transformação emocional do autor em relação à filha, consubstanciada pelas escolhas lexicais de ALA, nomeadamente no que às formas de tratamento diz respeito. O contraste entre as formas de tratamento para com a filha e para com a mulher permitem, igualmente, perceber que há, de facto, uma significativa diferença entre a emoção associada a uma e a outra.

Considerações finais

No presente trabalho, foi possível compreender que as estratégias discursivas ativas na construção das cartas em análise traduzem, mesmo que involuntariamente, a intimidade do autor, revelando a natureza confessional do gênero epistolar.

Os dados corroboram, assim, a previsão de que as formas de tratamento sublinham a intimidade amorosa, seja por recurso a diminutivos, que marcam delicadeza, cortesia e envolvimento emocional, ou a determinantes possessivos, que traduzem um sentimento de pertença, muito frequente no discurso amoroso. A presença de traços afetuosos contribui, assim, para a construção de um *ethos* apaixonado e romântico. Por outro lado, a sua ausência encerra, em si mesma, um efeito discursivo específico, demonstrando desapego e uma carência de vínculo afetivo. Nesta sequência, acreditamos que o contraste nas escolhas linguísticas é revelador de uma intimidade quase proibida, mas inevitavelmente saliente pela espontaneidade destes escritos, que, relembramos, não se destinavam a publicação. Desta forma, António Lobo Antunes constrói *ethè* distantes e pouco emocionais, quando fala com ou sobre a filha, especialmente, antes do seu nascimento e no período compreendido entre a recepção das primeiras fotografias da criança e o momento em que a conhece pessoalmente. Essa atitude discursiva contrasta com a imagem romântica, carinhosa e apaixonada que entrega **à mulher**, (quase) sempre que a ela se dirige. A alteração do contexto de produção, conforme previsto no início do presente estudo, propiciou, então, uma mudança das representações do autor, do seu *ethos* e, conseqüentemente, das formas linguísticas mobilizadas. Iniciou-se, portanto, um processo de exposição do *eu*, num ato confessional, em parte, involuntário, toldado, indubitavelmente, pelo sentimento amoroso, mas também – cremos - pela desvinculação afetiva que um cenário de guerra pode promover. Assiste-se, assim, a um contraste entre a aparente frieza dirigida ao bebê e a manutenção ou hiperbolização de formas mais apaixonadas dirigidas à mulher, de que é exemplo o excerto em que o autor refere que a filha é mais feia que a mulher. Nestes casos, o *ethos* construído implica desilusão, tristeza, frustração, indelicadeza e – talvez - raiva.

Acreditamos, em suma, que a oscilação nos usos linguísticos constitui uma via de acesso privilegiado e sem filtros à confusão sentimental em que o autor parece mergulhado, depois de se tornar pai de uma filha que só conhece por escrito.

Corpus

LOBO ANTUNES, António. *D’este Viver Aqui Neste Papel Descrito. Cartas da Guerra*. Lisboa: Dom Quixote, 2005.

Referências

AMOSSY, Ruth. La Lettre d’amour du réel au fictionnel. In: Jürgen Siess (dir.). *Le Lettre, entre réel et fiction*. Paris: Sedes, 1998, p. 73-96.

AMOSSY, Ruth. (dir.). *Images de soi dans le discours*. La construction de l’ethos. Lausanne, Paris: Delachax et Niestlé, 1999.

ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena. *Modalisation linguistique en situation d’interlocution: proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 1997.

ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena. La désignation de l’autre en portugais européen: instabilités linguistiques et variations discursives. In: *Instabilités linguistiques dans les langues romanes*, Travaux et Documents. 16 (org. Carreira, Maria Helena Araújo), Paris: Université Paris 8, 2002. p. 173-184.

BRENOT, Patrick. *De la lettre d’amour*. França: Zulma, 2010.

BROWN, Roger & GILMAN, Albert. The Pronouns of Power and Solidarity. In: Sebeok, A. Thomas (org.). *Style in Language*. Cambridge, MIT Press, 1960. p. 253-276.

CINTRA, Luís Filipe Lindley. Origens do sistema de formas de tratamento do português atual. In: *Brotéria* (Lisboa), LXXXIV, n. 1, p. 49-70, 1967.

COULMAS, Florian. Introduction. In: COULMAS, Florian (ed.). *Conversational Routine, Explorations in Standardized Communication situations and prepatterned speech*. Paris/New York: The Hague, Mouton Publishers, 1981. v. 2, p. 1-2.

DIAZ, Brigitte. *La Lettre ou la pensée nomade*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002.

DUARTE, Isabel Margarida. Falar Claro a Mentir. In: *Dar a Palavra à Língua – Homenagem a Mário Vilela*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. p. 291-299.

DUARTE, Isabel Margarida. Formas de Tratamento em Português. Entre léxico e discurso. *Matraga*, v.18 n. 28, p. 84-101, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10216/75411>

GOUVEIA, Carlos. As dimensões da mudança no uso de formas de tratamento em Português Europeu. In: *O Fascínio da Linguagem: Actas / Colóquio de Homenagem a Fernanda Irene Fonseca*. Universidade do Porto e Centro de Linguística da Universidade do Porto, 2008. p. 91-99.

HAROCHE-BOUZINAC, Geneviève. *L’Épistolaire*. Paris: Hachette, 1995.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L’Énonciation: De la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L’Implicite*. Armand Colin, 2^{ème} édition, 1986.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. L’interaction épistolaire. In: Jürgen Seiss (dir.). *Le Lettre, entre réel et fiction*. Paris: Sedes, 1998. p. 15-36.

MELANÇON, Benoît. *Diderot Épistolier*, Contribution à une poétique de la lettre familière au XVIIIe siècle. Québec, Bibliothèque Nationale du Québec, Montréal: Éditions Fides, 1996.

NASCIMENTO, Maria Fernanda, Bacelar do. Formas de tratamento. In: *Gramática do português*, editado por Eduardo Buzaglo Paiva Raposo et al. 3º vol., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020, p. 2701-2734.

SEARA, Isabel. *Da epístola à mensagem electrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de Doutoramento. Universidade Aberta, 2007.

SEARA, Isabel. *A Palavra Nómada*. Contributos para o Estudo do Género Epistolar. Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies. Lisboa: Edições Colibri/ CLUNL, 2008. p. 121-144.

SEARA, Isabel. A Confissão Intimista na Correspondência Amorosa de António Lobo Antunes: estudo pragmático. In: *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora, 2009.

SILVA, Manuela Parreira. *Realidade e ficção: para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Lisboa: Assírio e Alvim, 2003.

VILLALVA, Alina. Formação de palavras: afixação. In: M. H. Mira Mateus, A. M. Brito, I. Duarte & I. Hub Faria (Eds.), *Gramática de Língua Portuguesa*, Caminho, 2003. p. 939-965.